

Cristologia em chave pastoral antropológica: evangelizar a partir dos cinco sentidos

Christology In Anthropological Pastoral Key: Evangelizing through the five senses

Rogério Luiz Zanini
Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer uma abordagem cristológica a partir dos cinco sentidos diante dos desafios de evangelizar no contexto atual. A questão é: como realizar um processo de evangelização centrado no *encontro pessoal* com a pessoa de Jesus Cristo, que seja relevante diante da crise aguda que vive a humanidade? É preciso enfrentar as *sombras do mundo* que geram relações entre as pessoas marcadas pela indiferença, patriarcado, cultura do descartê, do ódio e do individualismo. Por sua vez, acreditamos que a *cultura do encontro* proposta pelo Papa Francisco pode ser visualizada por meio de um aprofundamento da experiência dos sentidos na ação evangelizadora. Ora, esta reflexão se propõe partindo da cristologia e percorrendo aspectos do modo como Jesus se fez valer dos sentidos em sua prática do anúncio do Reino de Deus, abrindo janelas para uma pastoral humanizadora. Depois de considerar algumas razões que justificam a importância de voltar ao *frescor/amor de Jesus*, tema fortemente presente no pontificado do Papa Francisco, o artigo dedica-se a percorrer o caminho de retomada de narrativas bíblicas, no sentido de perceber a forma como Jesus vive sua missão, destacando os cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato. Como conclusão, afirma que a cristologia dos sentidos oferece elementos importantes para compreender melhor a dimensão humana de Jesus; colabora para um processo de inculturação e vivência litúrgica mais coerente com uma antropologia integrada sem dualismos e vislumbra um caminho humanizador/mistagógico para o prosseguimento da missão de Jesus de Nazaré.

Palavras-chave

Papa Francisco
Cristologia
Cinco sentidos.
Evangelização

Abstract

The objective of this article is to take a Christological perspective based on the five senses when facing the challenges of evangelizing in the current context. The question is: how to implement a process of evangelization centered on a personal encounter with the person of Jesus Christ, which can be relevant when faced with the profound crisis that humanity is living in? It is necessary to deal with the shadows of the world that generate relationships between people marked by indifference, patriarchy, a throwaway culture, of hatred and individualism. For its part, we believe that the culture of encounter proposed by Pope Francis can be visualized through a deepening of the experience involving the senses in evangelizing action. This reflection starts from Christology and goes through aspects of how Jesus made use of the senses in his practice of announcing the Kingdom of God, opening windows for a humanizing pastoral. After considering some reasons that justify the importance of returning to the freshness/love of Jesus, a theme that is strongly present in the pontificate of Pope Francis, this article dedicates to tracing the path of returning to biblical narratives in order to understand the way in which Jesus lives his mission, emphasizing the five senses: sight, hearing, taste, smell and touch. In conclusion, it affirms that the Christology of the senses offers important elements to better understand the human dimension of Jesus; it contributes to a process of inculturation and liturgical experience that is more coherent with an integrated anthropology without dualisms and it envisions a humanizing/mystagogical path for the continuity of the mission of Jesus of Nazareth.

Keywords

Pope Francis
Christology
Five senses
Evangelization

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1Cor 6,19).

Introdução

A tradição oriunda do Concílio Vaticano II (1965) contribuiu decisivamente para compreender a relação entre Jesus Cristo e a história humana com seus contextos e situações diversas, “Na realidade o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado”. Em Jesus Cristo se manifesta plenamente o homem ao próprio homem (GS 22). Paulo VI, também, manifestou a existência de laços profundos entre evangelização e promoção humana de libertação. Laços de ordem antropológica (não ser humano abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos); laços de ordem teológica (não

se pode separar o plano da criação do plano da redenção que atinge as situações da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada); laços de ordem evangélica situado na caridade (como proclamar o mandamento novo sem promover a justiça e a paz no autêntico progresso da pessoa?). “Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade” (EN 31).

Este texto nasce com o objetivo que retomando o “frescor original do Evangelho” (EG 11) se experimenta com maior encantamento Jesus, como paradigma de humanidade. Ao menos por três razões que justificam esta reflexão: 1) Porque o anúncio do Reino de Deus, prioridade da vida e causa da morte de Jesus, pode ser melhor compreendido percorrendo a prática libertadora de Jesus. E, nesse caso, os cinco sentidos: visão, olfato, audição, paladar e tato colocam diretamente dentro do processo dinâmico do Reinado de Deus testemunhado por Jesus e missão nossa; 2) Devido que a própria teologia da encarnação cristã, por sua singularidade, faz da história lugar teológico de manifestação da graça e do pecado. É vivendo nesta única história que os cristãos são salvos ou condenados, porque somente nela é possível testemunhar o seguimento de Jesus; 3) Justifica-se uma vez que esta chave de compreensão cristológica, considerando os sentidos testemunhados por Jesus, por intermédio das diferentes relações com as pessoas e seus contextos, possibilita uma evangelização em coerência com o magistério do Papa Francisco que vem propondo a “cultura do encontro/proximidade”, da “Igreja em saída”, “hospital de campanha” fazendo da “opção pelos pobres” e as “periferias existenciais e geográficas” o centro e a razão do ser da Igreja.

Destarte, a questão dos sentidos, atualmente, parece estar ganhando espaço na evangelização à medida que se opõe por uma prática pastoral que contemple a individualidade da pessoa, sem perder a dimensão comunitária, princípio salvífico da fé cristã. O mais surpreendente é que não estamos falando de algo novo na história do cristianismo, segundo Maria R. Tutas, pesquisadora dos padres orientais. Tutas afirma que Catarina de Sena fazia uma analogia das cinco virgens prudentes no evangelho com os cinco sentidos. “A palavra cinco significa nossa obrigação de dominar os cinco sentidos

corporais, jamais ofendendo a Deus com eles, na procura de afeições ou prazeres desordenados com todos ou algum deles. Seremos cinco, dominando os cinco sentidos do corpo” (Carta 25) (Tutas, 2015, p. 82).

Esses aspectos evidenciam como a experiência cristã consegue incorporar os diferentes sentidos da corporeidade humana e contribuir para que cada pessoa se encontre com o mistério divino sem se distanciar ou negar o humano. Permanece, no entanto, o desafio de refletir, seja sobre nossas experiências litúrgicas, se realmente expressam e contemplam dignamente todos os sentidos dos fiéis, bem como as consequências eclesiais para o testemunho dos cristãos dentro dos contextos e realidades gritantes e interpelantes da história.

Ecos de uma cristologia dos sentidos na evangelização

O que fundamenta a vida cristã é o encontro vital/espiritual com uma pessoa que passa a determinar o existir humano: Jesus Cristo. Assim se expressa o Papa Francisco: “não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: ‘Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (EG 7). Em outro número, afirma que “o verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária” (EG 266).

A questão que se poderia colocar é: a sociedade de hoje ainda está interessada em acolher este Jesus Cristo? Na avaliação de Joel Portella Amado, Jesus caminha dentro de um impasse. Por um lado, “o mundo urbano aceita Jesus, porém um Jesus muito mais a consumir, usufruir”. Um Jesus que, como cliente, esteja à disposição para atender através das curas e prodígios, as necessidades imediatas e individuais. Esse Jesus faz sucesso no mundo urbano (Amado, 2018, p. 187). Por outro lado, o cristianismo conforme indica o Papa Francisco convida a compreender a identidade mais radical da Boa Nova do Reino de Deus no Cristo que é opção pelos pobres. “No coração

de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197). No entanto, para os Bispos em Aparecida isso traz consequências sérias, pois significa que os “os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: ‘os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo’” (DAp, 393).

Essa também é a posição assinalada pelo Papa Francisco, quando afirma: “dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer, também, a sua missão é inseparável da construção do Reino: ‘procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça’” (Mt 6,33). A identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construir, com Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos. Francisco realça as consequências desta opção: “não te santificarás sem te entregares de corpo e alma, dando o melhor de ti neste compromisso” (GE 25).

Ora, para o cristianismo de todos os tempos, Jesus Cristo é o paradigma da ação evangelizadora. Jesus é o Bom Pastor que sacia a fome e a sede de “todo homem e o homem todo” “porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem [ser humano]” (GS 22). Por isso, ser cristão é caminhar e contemplar a história “com os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus” (Hb 12,2). Essa é a melhor motivação para se anunciar o frescor cativante do Evangelho, segundo o Papa Francisco. “A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor, é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos desta maneira, a sua beleza deslumbra-nos, volta a cativar-nos vezes sem conta” (EG 264).

O testemunho do evangelho está na configuração do amor de Cristo, que se expressa na sintonia com o seu projeto do Reino, na maneira de viver, no dinamismo espiritual, na vivência de seus afetos profundos, na moldura de seu pensamento inclusivo e libertador. Por isso, é caminho obrigatório contemplar por intermédio da Palavra de Deus, particularmente os Evangelhos, a prática de Jesus, seus sinais, ensinamentos, gestos, palavras,

olhares, profecias... A vida do Mestre configura um estilo de vida e a contemplação dos evangelhos faz mergulhar na prática de Jesus.

Evangelizadores com o espírito de Jesus

Jesus que escuta a vontade do Pai

Quando se contempla a vida de Jesus percebemos seus momentos de intimidade, ou seja, de profunda sintonia com o Pai, do qual surgia o desejo de fazer Sua Vontade (Jo 5,19). Jesus, desde pequeno, quando se perdeu da caravana, na volta de Jerusalém, e depois de três dias ao ser encontrado no Templo, deixa claro para José e Maria que precisa fazer a Vontade do Pai. Seus pais, no entanto, não compreenderam as palavras de Jesus, mas Maria guardava todas estas coisas no seu coração. Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e das pessoas (Lc 2,41-52).

Muitos são os relatos que descrevem os momentos de oração de Jesus, mas com exceção do Pai Nosso, pouco se diz sobre seu conteúdo (Mt 6,9-13; Lc 11,1-4). Nesse caso, não é exagerado aplicar à oração de Jesus a máxima da liturgia: os frutos da oração são os frutos da vida e vice-versa. Igualmente, a vida itinerante de Jesus faz perceber uma pessoa extremamente mergulhada e encarnada na realidade. As parábolas são um bom indicativo de como Jesus estava inserido na vida das pessoas. Revelam seu coração sensível e atento aos apelos provenientes da realidade e expressam um conhecimento profundo do contexto cultural, social, político e religioso da época.

Em Jesus, estas experiências de intimidade com o Pai, longe de afastá-lo das preocupações com o mundo, o inserem ainda mais nos dramas da história. Sua oração, portanto, está muito de acordo com a preocupação do Papa Francisco, para que as orações não conduzam ao mundo privado, ou perspectivas individualistas e egocêntricas. “A fé não é fato privado, uma concepção individualista, uma opinião subjetiva, mas nasce de uma escuta e destina-se a ser pronunciada e tornar-se anúncio” (Lumen Fidei, n. 22). E acrescenta: “quem crê nunca está sozinho; e, pela mesma razão, a fé tende a difundir-se, a convidar outros para a sua alegria. Quem recebe a fé descobre

que os espaços do próprio ‘eu’ se alargam, gerando nele novas relações que enriquecem a vida” (Lumen Fidei, n. 29).

Assim como Deus que escuta o clamor dos filhos que gemem sob a opressão do Egito e toma partido para libertá-los do cativeiro (Ex 3,7-10), agora é Jesus aquele que escuta os apelos dos necessitados e age em favor das vítimas da história. Como aquele que tem ouvidos atentos aos pobres e esquecidos da beira do caminho (Mc 10,46-52), das mulheres vítimas do sistema patriarcal (Jo 8,1-11), da fé do outro, do estrangeiro, do não hebreu (Lc 7,9; 17,19; Mt 8,13; 15,28). Passar ao lado destes significa negar a Deus, ou nas palavras do Papa Bento XVI: “fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus” (Deus caritas est, n. 16).

Essa dimensão da escuta, tão fundamental, não aparece de maneira mágica, mas é uma virtude a ser cultivada e treinada. De acordo com Papa Francisco: “precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir”. É a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. “Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor do que Deus semeou na nossa própria vida” (EG 171).

O processo de escuta desencadeado pela perspectiva sinodal tem despertado sua importância na evangelização. Sem cair em monólogos vazios, sem consistência de realidade, o Papa Francisco penetra no mais fundo da existência, propondo escutar as chagas da história. Segundo María Josefina, se não bastasse, Francisco aplica igualmente a atividade de escuta em relação ao pão consagrado. Que sentido se dá no pão ao escutar? Ouvir significa perceber com os olhos abertos; escutar é prestar atenção ao que se ouve. Obviamente, as feridas se veem, tanto como o pão. O escutar supõe, portanto, o momento de “prestar atenção”. Um exercício específico da mente, um movimento interno da pessoa que desconsidera as outras coisas para centrar a cabeça e o coração no objeto que pode interpelar: as feridas, o pão... (Llach, 2014, p. 113).

Na compreensão de Josefina, é preciso escutar a realidade com o objetivo de perceber o que se oculta atrás das chagas, do pão consagrado, da realidade das coisas, das pessoas e dos acontecimentos. É um convite a ir além do fenômeno, da experiência metafísica, da coisa em si. O que há de mais importante de trás dos fatos que chocam, isto é, o que pode ter passado por alto, por demasiado óbvio ou distorcido. Valha o exemplo dos apóstolos depois da ressurreição, o sensível que percebem é como uma porta a ser aberta, ponte a atravessar, mar para navegar... Convida e desafia, possibilita, porém, não força, chama e espera. A fé é o caminho que leva da promessa à realidade (Llach, 2014, p. 114).

Nesse sentido, é significativo perceber o desenvolvimento da escuta proposto por Enrique Cambón. Para ele, são necessárias quatro atitudes no processo da escuta: 1) estar com o outro, interessando-se sinceramente por ele e por aquilo que ele deseja expressar; 2) viver, nesse momento, plenamente para ele, sem pressa nem agitação; 3) transformando-nos nele, à medida do possível, já que esse modelo de escutar leva-nos a participar do mundo do outro de maneira única; 4) quando a atenção é recíproca - cada um poderá dizer que a nova compreensão ocorreu graças ao outro, porque a qualidade do silêncio que se encontrou e que ofereceu é fundamental para expressar, compreender, para iluminar os problemas e encontrar soluções (Cambón, 2000, p. 65).

Perspectivas pastorais

a) A qualidade do silêncio ajuda para encontrar as soluções juntos com as demais pessoas; há silêncios que são qualificadores da ação evangelizadora, porque contribuem não somente para aquele que é escutado, mas para o que ouve, uma vez que alarga o seu horizonte de realidade;

b) A necessidade de qualificar equipes de escutas, ou a Pastoral da escuta, que possa atender às demandas das pessoas que desejam ser escutadas de acordo com os apelos do próprio Papa Francisco;

c) O ato de escuta pressupõe respeito, liberdade, humildade, confiança, paciência e, dessa forma, torna-se transformador no processo de

evangelização. Escutar é mais do que ouvir simplesmente; é abrir canais para que as pessoas que estão sendo escutadas descubram respostas às suas necessidades e sintam a presença de Deus em sua vida. “Não escondas de mim a tua face no dia de minha angústia. Inclina teu ouvido para mim e, no dia que eu clamar a ti, responde-me depressa!” (Salmo 102,3);

d) No processo de Iniciação à Vida Cristã promover maiores espaços de escuta, seja na catequese batismal, na catequese matrimonial, ou na catequese em preparação aos sacramentos da Eucaristia e da Crisma. O Papa Francisco vem destacando a importância da escuta e do acompanhamento no processo de evangelização. “Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito” (EG 171). Essa escuta leva ao compromisso e conduz na defesa das ovelhas frente aos lobos, porque é um escutar que torna proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual.

e) A necessidade de construir na evangelização proximidades/encontros de escutas seja dos catequizandos, das famílias e comunidade, uma vez que isso possibilita conhecer melhor Deus agindo nas pessoas e não desenvolver uma lógica de doutrinação desrespeitando a própria revelação, que se revela no amor (1Jo 4,20).

Jesus de olfato misericordioso

O olfato é o sentido responsável pela distinção dos cheiros, dos odores... Por meio dele é possível identificar, diferenciar e perceber os diversos cheiros. Dos cinco sentidos, o olfato é o primeiro a desenvolver-se no recém-nascido. O bebezinho com apenas algumas horas de vida aponta a boquinha em certa pontaria para o seio materno. Enquanto os outros sentidos somente se desenvolverão após alguns dias, o cheiro da mãe cativa o bebê desde sempre e, seguindo aquele odor, ele aprenderá a reconhecer e localizar aquela que é a fonte palpável de sua vida, que lhe dá alimento, carinho, contato e conforto.

De imediato se pode perguntar se o olfato/cheiro pode trazer alguma luz para uma pastoral missionária? Aqui se sobressai a figura do Bom Pastor - tema muito importante na missão eclesial e na espiritualidade cristã. O Papa Francisco deu novo elã para a figura do Pastor ao propor uma “Igreja em saída”, enfatizando justamente a necessidade de os evangelizadores contraírem o “cheiro das ovelhas”. Mais: diz que esta é a condição para que as ovelhas escutem a sua voz (EG 24).

Uma das originalidades de Francisco está justamente em afirmar que o Pastor precisa sentir o “cheiro das ovelhas”. Para alcançar esta meta - o Pastor precisa sair ao encontro das ovelhas (interessar-se por elas), relacionar-se de forma que as ovelhas percebam no Pastor vontade de amá-las sem julgamentos. Agindo assim, as ovelhas sentem pelo testemunho do Pastor que estão diante de uma pessoa enamorada por Jesus (coração cheio de gratuidade). As ovelhas começam a experimentar e expressar: “ele é um dos nossos”; “podemos confiar”; “como ele nos ama e quer estar próximo”. São expressões que brotam do coração quando as pessoas sentem o amor do Pastor. Acontece o encontro místico que faz ambos crescerem em humanidade, porque as “carnes se tocam” e juntos partilham “cheiros e sonhos”. Como não lembrar os santos que tiveram seus corpos marcados com a carne do “outro”, referência especial a São Francisco que se converteu através do abraço ao leproso.

Dessa forma, o todo da vida das ovelhas interessa e penetra como fagulhas de Deus no coração do Pastor. O Pastor já não sabe mais viver sem suas ovelhas, não porque sejam necessárias, mas porque através delas experimenta Cristo em sua vida. Isso não tem nada de romantismo, pois no caminho enfrenta muitas cruces e rejeições. No entanto, o Bom Pastor torna-se o defensor dos pobres: presença discreta, amiga, sinal de segurança, e quando as portas se fecham, como acontece com Lázaro, junto está o Pastor misericordioso. E quando as dores parecem insuportáveis, aí está o Pastor para fazer o que pode: aliviar as feridas ou com sua “língua” afiada pelo evangelho gritar profeticamente pelos direitos dos pobres. Ou para utilizar uma linguagem ainda mais dura, por meio do olfato evangélico, os pastores

são os abutres que descem sobre as “carniças sociais” de uma sociedade injusta, derramando o perfume da justiça, da fraternidade e da vida.

Perspectivas pastorais

a) Proximidade para poder sentir/participar do cheiro das ovelhas/realidades. Como Jesus não ter receio de aproximar-se de qualquer pessoa ou realidade, mesmo quando elas cheiram mal. Indica, portanto, um movimento de saída ao encontro. Uma pastoral que não consegue sentir o cheiro da realidade é uma pastoral artificial, sem sabor e incoerente com o Evangelho de Jesus;

b) É a “aquisição” do cheiro, pois como lembra o apóstolo São Paulo - somos o bom perfume de Cristo (2Cor 2,15), e o Papa Francisco insiste em afirmar que o verdadeiro Pastor é aquele que adquire o cheiro das ovelhas, pois transmite uma expressão de confiança e pertença, uma relação de igualdade e reconhecimento mútuo;

c) Sentir o cheiro indica a urgência da proximidade e o compromisso de trabalhar na superação de qualquer situação de sofrimento por parte do rebanho. A coragem de enfrentar aquilo que cheira mal, porque por detrás de um mau cheiro existe algo que está mal. Como ter coragem de defender as situações de justiça, denunciar as injustiças e latir em defesa dos pobres?

d) A doutrina social da Igreja é um bom fundamento para que as catequistas, ministros da palavra e demais lideranças cristãs se encantem pela missão, testemunhem uma Igreja sacramento e sinal de salvação na história (LG 1).

Jesus e o poder da visão

“Só se vê bem com o coração; o essencial é invisível aos olhos” (Saint-Exupéry). “O que os olhos não veem, o coração não sente”, provérbio popular que parece fazer eco em Jesus, quando diz: “a lâmpada do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz” (Mt 6,22). Olhos e coração parecem formar uma unidade inseparável no ser

humano. Na perspectiva da fé bíblica, pode-se tomar a visão no sentido figurado, ou visão espiritual para expressar o seguimento a Jesus. As menções nos evangelhos, em relação aos olhos, ocupam uma dimensão importante, não pela quantidade, mas fundamentalmente pelo seu significado. Em primeiro lugar, precisa-se deixar claro que em todos os milagres (sinóticos), curas ou sinais (São João) realizados por Jesus, nunca são para provar a fé, mas sinal da fé. Ao contrário, quando pedem simplesmente para Jesus fazer milagre, ele se recusa e ainda questiona às pessoas (Mt 13,58). Em outras ocasiões, Jesus manifesta a fé de forma pública, dizendo: “a tua fé te curou/salvou” (Lc 18,42). São expressões frequentes nos evangelhos, sempre nos lábios de Jesus, porém, sempre na direção das pessoas marginalizadas: a mulher com hemorragia (Mc 5,21-43), um mendigo cego (Lc 18,35-43), uma prostituta, um leproso samaritano (Lc 17,11-19).

De todos os sentidos, talvez o da visão seja o mais ambíguo e arriscado. O que mais engana, o que mais finge efeitos especiais que não são reais. Não é difícil perceber situações em que o olhar serviu ou serve para intimidar, controlar ou mesmo punir moralmente. O olhar não deixa de ser um órgão revelador, não somente de alguns sintomas clínicos, mas também miopias em relação às culturas, etnias, valores, leis, preconceitos, visões de sociedade e de mundo. Os evangelhos narram cenas de curas de visão que são altamente simbólicas e pedagógicas. A cura do cego de nascença que Jesus realiza depois de um demorado processo de libertação (Jo 9). A cegueira estava tão impregnada que foi necessário usar “saliva e barro” e muita água para remover as “catarratas” ideológicas imprimidas pelas leis judaicas.

Agindo dessa forma, Jesus deixava claro que a pessoa não era cega pelos seus pecados, nem dos seus pais, muito menos por vontade divina, como queriam os fariseus. A causa estava na “catequese” das autoridades políticas e religiosas, como acontece em nossa sociedade, porque uma das marcas dos sistemas dominantes trata de encontrar formas, mecanismos que reproduzam seus valores, desejos, sonhos, ideologias. A ideologia máxima é quando um sistema consegue fazer com que as vítimas se sintam culpadas pelo seu fracasso, ou responsáveis pela crise do sistema. As pessoas começam a dizer “minha culpa”, por isso não consigo emprego; “não sou qualificada”, “não

tenho estudo”, “não tive sorte na vida”. Destarte, seus olhos não percebem que a pobreza tem causas estruturais, o que significa, a rigor, que não há pobres (pois ninguém escolhe sê-lo, e os que são gostariam de viver em melhores condições), há pessoas empobrecidas em razão de relações sociais de injustiça e opressão.

Perspectivas pastorais

a) A luz verdadeira sempre vem do olhar de Cristo que ilumina e faz novas todas as coisas. No episódio do bom samaritano (Lc 10,25-37), vários veem o homem caído e machucado, mas somente o samaritano se deteve para tratar suas feridas;

b) Nos processos de Iniciação à Vida Cristã (IVC) precisa-se incentivar que cada cristão olhe com o coração, caso contrário, ele permanecerá à beira do caminho. Não fará a experiência concreta do relacionamento com Deus através das pessoas;

c) É fundamental que a IVC e a prática pastoral “veja” a realidade como ela é. Uma evangelização desligada, ou cega para com a realidade se torna desviante do caminho de Deus. Para ver a realidade com os olhos de Deus é preciso estar atento no que acontece na comunidade, na sociedade e no mundo. Ligação fé e vida, porque o evangelho quer salvar na plenitude, na inteireza e não somente a alma dos cristãos.

d) “Deus viu que tudo era muito bom!” (Gn 1,25). A ação de Deus na história se revelou como muito boa e isso é fermento para levedar as ações dos cristãos na pastoral. O Papa Francisco propõe um anúncio propositivo: “não é um olhar incrédulo, negativo e sem esperança, mas uma visão espiritual, de fé profunda, que reconhece aquilo que o próprio Deus faz neles” (EG 282).

Jesus e o toque humanizado

O corpo inteiro toca. O tato é o grande sentido que concentra todos os demais sentidos. Tudo tem consistência por meio do tato. O corpo do outro

supõe, ao mesmo tempo, reciprocidade. Assim, ao tocar outro corpo, quem toca é tocado e sente pena, tristeza, alegria, vergonha, nojo.

Diferentes narrativas dos evangelhos apresentam Jesus se relacionando com as pessoas através do toque. Existem muitas curas e, em quase todas, Jesus se utiliza diretamente do toque para libertar as pessoas. As curas, por meio do toque, revelam uma dimensão que pode permanecer oculta para quem lê fora do contexto. Na época de Jesus, as doenças eram mais frequentes em razão das condições sociais precárias. O agravante estava imprimir uma compreensão que a doença estava ligada às consequências dos pecados e, portanto, como castigo de Deus. Trata-se da vigorosa teologia da prosperidade/retribuição que sustenta uma relação de prêmio e castigo conforme a conduta das pessoas.

Um olhar atento faz perceber que Jesus às vezes toca nas pessoas, outras vezes não, como que prevendo as consequências de seus atos. Jesus quando toca nas pessoas transparece, em primeiro lugar, que ele não fica contaminado, quebrando assim a corrente viciosa. Segundo, está quebrando a ideologia de que a doença era fruto do pecado e castigo de Deus. As pessoas ficam admiradas e se perguntam: quem é este que perdoa pecados? (Mc 2,7). Terceiro, trata-se da preocupação de Jesus em incorporar as pessoas curadas no convívio social. Integração é fundamental, porque as pessoas doentes viviam isoladas para evitar a contaminação. Por intermédio da ação de Jesus, as pessoas voltam a conviver e partilhar suas vidas com os outros, inclusive, precisam enfrentar os questionamentos de serem curadas (Jo 9).

É importante perceber que nem todos os corpos tinham a mesma urgência para Jesus. Os prioritários estavam relacionados com as pessoas em maiores necessidades. Essa opção de Jesus pelos pobres sempre ocasiona críticas e tensões na história tanto ontem quanto hoje. Como podem os pobres terem preferência no Reino de Deus? O amor de Jesus não é para todos, por que alguém teria prioridade? Segundo Francisco, no entanto, “não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima”. “Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino

que Jesus veio trazer” (EG 48). O coração de mãe coloca na mesma direção de Jesus, ao socorrer sempre o filho mais fraco, não porque este seja mais santo, melhor ou com menos pecado, mas, exclusivamente, porque a compaixão/misericórdia vem em primeiro lugar.

Igualmente, pode-se perceber, que os critérios de Jesus são diferentes dos nossos. “Há corpos que possuem uma qualidade especial porque são Jesus Cristo. Ele decidiu selecioná-los como seus próprios corpos em todo tempo e lugar”. Especialmente, o corpo da fome, o carente de água para beber e se lavar; o corpo sem roupa que sente necessidade de se vestir; o corpo do migrante, o que não tem acesso à saúde mínima; o corpo que sofre com a homofobia, calúnia, injúria, difamação e o que está preso, “o que fizerem a um destes, é a mim que o fazem” (Mt 25,31) (Bravo Pérez, 2018, p. 123).

Esses aspectos são suficientes para perceber que é missão cristã sair ao encontro das pessoas, como pede nosso Papa Francisco, mas é também exigência primária de Jesus e da tradição cristã tocar, cuidar, levantar, em primeiro lugar, os que estão feridos no caminho da história. Segundo María Josefina, alcançamos profundidade teológica aterrizando continuamente na percepção sensorial. Por quê? Porque a teologia, a pastoral, a oração não são mitos nem ideologias, uma vez que tratam do “Verbo (que) fez Filho Carne”. Por debaixo do que se expressa através dos sentidos está o mistério da encarnação. A humanidade de Cristo é o caminho para conhecer a Deus (teologia). Não somente para conhecer, senão também para comunicá-lo (pastoral). Não somente para conhecer e comunicar, mas para deixar que sua graça vá transformando-nos, configurando-nos (espiritualidade). Quando se contempla o mistério de Deus e de seu amor sem tocar a humanidade de Cristo, isto é, as chagas e feridas da história, essa mensagem dificilmente é Boa Notícia, pois volatiliza com facilidade (Llach, 2014, p. 123). A realidade permanece igual e os pobres continuam sem a experiência do Evangelho como Boa Notícia do Reino de Deus.

Perspectivas pastorais

a) A dimensão do toque é paradigmática na vida cristã. Com o toque se entra na carne de Cristo e vislumbra-se a esperança da cura, da salvação e da conversão. A pergunta fundamental: quem eram as pessoas tocadas por Jesus e quem nós tocamos na ação evangelizadora?

b) A Igreja em saída para as periferias convocada pelo Papa Francisco é a disponibilidade para abraçar todas as pessoas sem medo ou preconceitos. O desafio de ampliar e melhorar as vivências quanto ao toque que humaniza. Os gestos de reciprocidade que envolvem escuta, olhares, abraço, carinho, sorriso sempre mais necessários na prática pastoral;

c) Organizar vivências a partir das coordenações e pastorais para que a evangelização seja marcada pela dinâmica dos sentidos. Proporcionar para os catequizandos, famílias e outros agentes envolvidos formação humana nesta direção; trabalhar de forma mais efetiva os encontros de catequese com conteúdo sobre sexualidade e afetividade;

d) Dar mais atenção à ritualidade das celebrações: lavar os pés uns aos outros, partilhar o pão, valorizar os símbolos, o abraço da paz, etc.

Jesus e as refeições/paladar

As refeições ocupam uma importância reveladora da identidade de Jesus. Diferentemente de João Batista, que optou pela vida ascética do deserto, Jesus tomou o caminho das refeições como dimensão fundamental. Essa opção de Jesus não passou despercebida principalmente pelos opositores, que o acusaram de beberrão e comilão, amigo de publicanos e pecadores (Mt 11,18). Por que as refeições comunitárias causam complicações na vida de Jesus?

Enquanto os alimentos são necessários para a sobrevivência humana, as refeições trazem a marca das culturas e das tradições religiosas. As tensões são percebidas quando se compreende que tanto no tempo de Jesus quanto hoje, as refeições ganham cores, sabores e temperos classistas. Se antes da mesa somos irmãos em Cristo Jesus, a mesa, infelizmente, torna-se um marco divisório dos que comem muito e bem, além das necessidades fisiológicas, e

os que se alimentam mal e passam necessidades. Essa realidade básica reflete o modelo de uma sociedade desigual. Conforme o evangelho, os ricos epulões, de um lado, e os pobres Lázarus, de outro, mesmo sendo vizinhos, uma vez que Lázaro está à porta; no entanto, distante do coração e da mesa farta (Lc 16,19-31).

Jesus, portanto, ao expressar por meio de um banquete aberto o melhor do Reino de Deus, está, ao mesmo tempo, colocando em questionamento uma tradição que não aceita mesa comum. A parábola dos convidados do banquete preparado para todos visualiza que muitos já optaram por não participar. Suas justificativas são: “seus campos”, “experimentar os bois” e “degustar do casamento”, produziram um fechamento - uma negação do convite/banquete de Jesus. Em paralelo acontece o contrário, os que são convidados por último são os primeiros a dizer sim ao banquete da mesa comum (Lc 14,15-24). Por que os primeiros se excluem do Reino de Deus? Entrar no Reino de Deus é assumir as exigências da partilha, ou seja, para aceitar o banquete precisam colocar em partilha seus bois, campos e formar uma única família - “todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

As oposições em relação à mesa comum tiveram outros desdobramentos ainda mais complexos. O evangelho de Marcos, por exemplo, narra dois banquetes em sequência, mas ambos estão em contradição. Um, o banquete da vida, marcado pela partilha, organização do povo, bênção dos pães, cuidado com as sobras (Mc 6,30-44). Outro, o banquete dos grandes que trama a morte de João Batista (Mc 6,14-29). Jesus, apesar das contrariedades, não desiste de propor o banquete como sinal das novas relações. No final da vida, como que selando sua existência de doação, celebrou - em forma de refeição - sua entrega definitiva com os discípulos. Refeição conflitiva, pois chegou a hora em que cada uma das pessoas não podia mais ficar neutra ou indiferente diante do banquete. Judas, Pedro, Tomé e todos os outros precisavam revelar-se a favor ou contra Jesus e seu projeto eucarístico.

É interessante perceber que as aparições de Jesus, após a ressurreição, têm como base também as refeições. Fato que testemunha mais uma vez a importância de os cristãos continuarem fazendo isto em memória

subversiva/salvífica. Entre os encontros com Jesus, a cena dos discípulos de Emaús tornou-se paradigmática (Lc 24,13-35). Jesus aparece e caminha com os discípulos, que estão tristes e decepcionados com o último acontecimento. Estão deslocados, porque não imaginavam aquele fim para quem buscou unificar todos em volta de uma mesa comum. Jesus caminha com eles e faz algumas perguntas, retoma a Palavra de Deus para localizá-los na história; chegando ao destino o convidam para ficar com eles, porque já está tarde. Enquanto comiam reconhecem a presença de Jesus. A partir daquela experiência suas vidas são modificadas e retomam o caminho de Jesus.

Em vários outros encontros, o ressuscitado aparece desejoso de refeição. O cristianismo levou tão a sério as refeições que tornou o pedido de Jesus “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19) como o ápice e o cume da fé cristã (SC 10). A Eucaristia tornou-se sacramento, mistério histórico da salvação cristã.

Esses aspectos esclarecem o porquê do conflito de Jesus com as autoridades do seu tempo em relação às refeições. Jesus buscou fazer do alimento - dimensão básica da vida humana - o símbolo máximo do Reino de Deus. Segundo a teóloga Maria C. Bingemer, “quando comemos e bebemos nos fazemos vivos, partilhando a mesa, vivendo a cumplicidade, a amizade, a fraternidade”. Comer em comunidade diferencia os humanos de outros animais: celebrar a vida em todas as suas dimensões. Mais do que saciar uma necessidade biológica se transforma em ritual de louvação da vida, aspiração principal do ser humano. “A presença de Deus junto aos homens e mulheres por Ele amados se manifesta e revela de sua forma mais plena e densa no banquete do qual participam pecadores que recebem o perdão, mulheres que são valorizadas e reintegradas em sua dignidade e todos os que têm fome e sede de justiça” (Bingemer, 2015).

Perspectivas pastorais

a) A comensalidade é um dos pontos mais fortes da experiência de Jesus. Como possibilitar experiências de comensalidade inclusiva e acessível para todas as pessoas nas comunidades?

b) Assumir como meta a realização de festas comunitárias que vão além dos tradicionais, ou clássicos encontros de comunidade, onde bons churrascos são servidos somente a quem tem dinheiro. Encontrar formas de tornar as festas com tempero cristão, no sentido de todas as pessoas terem acesso e poder celebrar a mesa comum; festa da partilha, “mesa dos inocentes”. Experiências concretas do agir da Campanha da Fraternidade 2023 “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16);

c) Resgatar a instituição da eucaristia como central na vida cristã, como fez Jesus. Expressão máxima de liberdade, fraternidade e casa comum. O cristão que comunga se torna um perigo: ser doação, amassado, batido, queimado, crescido...;

d) A implementação e dinamização da pastoral do dízimo em todas as comunidades para seu autossustento, a fim de que as comunidades deixem de ser reféns dos lucros na lógica capitalista das festas comunitárias e possam introduzir em sua ação evangelizadora a festa da amizade, da partilha sem distinção, preconceitos ou discriminações. Experimentar e provar que o Evangelho de Jesus Cristo, vivenciado pelo exemplo das primeiras comunidades, é ainda possível hoje (At 4,32).

Conclusão

Para os cristãos, a encarnação de Cristo e as interpelações da realidade são dois lados da mesma moeda e, portanto, não podem ser separados. Disso urge uma evangelização que seja integradora de todos os sentidos, para superar uma pastoral unilateral com ideias claras e distintas (racionalismo), sem, no entanto, oferecer alegria e sabor da experiência originária que provém do frescor de Jesus a partir da fonte que é o Evangelho.

Os evangelhos vislumbram como Jesus atuou, considerando os diferentes sentidos para se relacionar, aproximar, curar, escutar, libertar as pessoas. Em tempos de altas tecnologias corre-se o risco das virtualidades e de anunciar ou experimentar um “Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz” e, conseqüentemente, de construir relações interpessoais mediadas

apenas por sofisticados aparelhos eletrônicos. O Evangelho convida sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado (EG 88).

Se o corpo fala e evangeliza, Papa Francisco tem autoridade testemunhal para apresentar uma linguagem simbólica. Sua forma de vestir, morar, comer, conviver com seus empregados, sair à rua, viajar, seu corpo, sorriso e, acima de tudo, os corpos que escolhe para tocar e para apoiar; seus encontros com pessoas e grupos de outras culturas e religiões. Com sua sensibilidade visualiza valores que estão no cristianismo, mas foram esquecidos ou soterrados pelas pregações dos catecismos. Quando utiliza a linguagem verbal, nada mais faz do que dar razão do que faz e crê. Fala de verdades que atingem as pessoas, porque sentem a misericórdia de um verdadeiro Samaritano. E esta linguagem todos conhecem e se curvam, porque não são palavras que o vento espalha, mas pertencem à ação, à praticidade daquilo que é o mais genuíno no cristianismo, seu amor kenótico.

O desafio de colocar em prática permanece no seio da evangelização e sabemos como o cristianismo ficou refém de uma abordagem racionalista, dicotômica, perdendo sua dimensão mística e simbólica no agir eclesial. cremos que o caminho reflexivo desenvolvido, apesar de seus limites, é uma tentativa para desenvolver os cinco sentidos como canais primordiais de comunicação que se estabelecem entre o divino e o humano na evangelização.

Olhar que se fixa no outro contemplando como imagem e semelhança do Criador. O escutar exige atenção não somente ao conteúdo da comunicação, mas também aos detalhes, como a voz, a acústica, a respiração e o ritmo. Escutar como quem volta seu ouvido para ouvir Deus se manifestando através do outro. Com o paladar se saboreia o alimento. No paladar a meta máxima se realiza na comunhão eucarística, que simboliza a carne de Cristo, para sair em missão de cuidar da carne do irmão. O olfato rega-se com o incenso, flores, plantas, azeites. O olfato que conduz à opção de sentir e reproduzir na própria pele o cheiro das ovelhas. O tato e os gestos são também importantes no âmbito da celebração litúrgica, bem como na vida

cotidiana. Jesus toca os discípulos para dar-lhes confiança. Jesus toca a parte doente do enfermo e não de modo artificial. Por isso, a imposição das mãos e o abraço da paz devem ser verdadeiros e expressivos, porque além de fazerem parte das relações humanas, impulsionam a cultura do encontro e da ternura e são gestos que visualizam também a necessária horizontalidade da fé cristã.

No final é preciso reconhecer que não foi possível realizar um estudo mais aprofundado da rica tradição bíblico-espiritual, bem como investigar os sentidos no magistério do Papa Francisco. No entanto, duas questões precisam ser consideradas por sua relevância. Uma, a convicção que através do caminho dos sentidos é possível se aproximar e compreender mais e melhor alguns aspectos da humanidade de Jesus. “Nada do humano pode lhe parecer estranho” (EG 181). Outra, na mesma direção, refere-se ao potencial político salvador/libertador que os sentidos possuem na evangelização, e mais ainda, quando são manifestados pelo testemunho do Filho de Deus por intermédio da visão, do olfato, da audição, do paladar e do tato.

Referências

AMADO, Joel Portella. Igreja e grandes cidades: Estado atual da questão. In: BRUSTOLIN, Leomar A.; FONTANA, Leandro L. (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 14 fev. 2023.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

BINGEMER, Maria Clara. Gosto, Sabor e Paladar. 2015. Disponível em: <http://agape.usuarios.rdc.puc-rio.br/amai/gostosabor.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

BRAVO PÉREZ, Benjamín. A cultura, porta de entrada à cidade. In: BRUSTOLIN Leomar A.; FONTANA, Leandro L. (org.). *Cultura urbana: porta para o evangelho: a conversão pastoral como chave para a evangelização nas cidades*. São Paulo: Paulus, 2018.

CAMBÓN, Enrique. *Assim na Terra como na Trindade: o que significam as relações trinitárias na vida da sociedade?* São Paulo: Cidade Nova, 2000.

CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007. (V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe)

LLACH, María Josefina. Elogio del tacto y del contacto reflexiones teológicas acerca del lenguaje del Papa Francisco. *Revista Teología*, n. 114, p. 105-129, ago. 2014.

PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2013. (Documentos Pontifícios, 16).

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Gaudete et Exsultate*. Sobre a chamada à santidade no mundo atual. Brasília, DF: Ed. CNBB, 2018.

PAPA PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_enciclica_evangelii_nuntiandi.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

TUTAS, Maria Rodica. *A arte da vida espiritual*. Brasília, DF: Teixeira Gráfica e Editora, 2015.

Trabalho submetido em 25/07/2023.

Aceito em 12/12/2023.

Rogério Luiz Zanini

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8771-3799>. E-mail: zaninipastoral@hotmail.com